



“Já li conheço, mulé”: uma análise da despalatalização da lateral palatal

“Já li conheço, mulé”: analyze of the depalatalization of the palatal lateral

Maria de Fátima Rocha Santos⁽¹⁾; Almir Almeida de Oliveira⁽²⁾;
Andressa Kaline Luna de Oliveira Marques⁽³⁾ Aline Bezerra Falcão de Oliveira⁽⁴⁾

⁽¹⁾ ORCID: 0000-0001-7826-7870. Graduanda do curso de Letras da Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL. Email: fatimarochoa2014@hotmail.com

⁽²⁾ ORCID: 0000-0002-3682-5480. Professor Adjunto da Letras da Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL. Email: almir.oliveira@uneal.edu.br.

⁽³⁾ ORCID: 0000-0001-6629-8696. Doutoranda em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL. Email: marandressa0@gmail.com

⁽⁴⁾ ORCID: 0000-0002-7384-2087. Mestranda em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL. Email: alineefalcao@outlook.com

Todo o conteúdo expresso neste artigo é de inteira responsabilidade dos seus autores.

Recebido em: 24 de março de 2020; Aceito em: 24 de dezembro de 2020; publicado em 31 de 01 de 2021. Copyright © Autor, 2021.

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo investigar a despalatalização da lateral palatal /λ/, como em palavras do tipo ‘filho’, ‘julho’ e ‘mulher’ etc. nas regiões Agreste, Sertão e Litoral de Alagoas. Investiga-se a troca de um fonema palatal por um alveolar em consequência de não se apoiar corretamente a ponta da língua no palato duro ao produzir o fonema. Nesta pesquisa, é utilizado o aporte teórico da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008 [1972]; WEINREICH, LABOV, HERZOG, 2006 e outros), a qual prevê que cada elemento variacional no interior da língua sofre de uma valoração social que direciona sua realização. A pesquisa conta com 128 entrevistas de fala espontânea de informantes estratificados em sexo, idade, escolaridade e região. O processo de análise é feito com o auxílio dos seguintes programas computacionais: Praat (análise acústica), R e Rstudio (análise estatística). São correlacionadas as variáveis sociais às variáveis linguísticas (contexto/vogal anterior, contexto/vogal seguinte, quantidade de sílabas, classe gramatical e acento). Os resultados indicam que a variante despalatalizada aparentemente sofre pressões etnográficas e é proporcionalmente favorecida pela proximidade do Litoral, enquanto o Sertão a inibe. Essa variante carrega valores sociais negativos, sendo evitadas pelas mulheres e pessoas mais escolarizadas. Linguisticamente, a variante despalatalizada é condicionada pelo contexto anterior, contexto seguinte, tonicidade e classe gramatical.

PALAVRAS-CHAVES: Sociolinguística Variacionista, fonética e fonologia, Alagoas.

ABSTRACT: The present work goal to investigate the depalatalization of the palatal lateral /λ/, as in words like ‘filho’, ‘julho’ and ‘mulher’ etc. in the Agreste, Sertão and Litoral of Alagoas. The exchange of a palatal phoneme by an alveolar is investigated as a result of not supporting the tip of the tongue correctly on the hard palate when producing the phoneme. In this research, the theoretical contribution of Variationist Sociolinguistics (LABOV, 2008 [1972]; WEINREICH, LABOV, HERZOG, 2006 and others) is used, which provides that each variational element within the language suffers from a social valuation that directs its realization. The research has 128 interviews of spontaneous speech of informants stratified in sex, age, education and region. The analysis process is done with the aid of the following computer programs: Praat (acoustic analysis), R and Rstudio (statistical analysis). The linguistic variables (context/previous vowel, context/next vowel, number of syllables, grammatical class and tonicity) are correlated to social variables. The results indicate that the depalatalized variant apparently suffers ethnographic pressures and is proportionally favored by the proximity of the Litoral, while the Sertão inhibits it. This variant clearly carries negative social values, being avoided by women and more educated people. Linguistically, the depalatalized variant is conditioned by the previous context, the following context, tonicity and grammatical class.

KEYWORDS: Variationist Sociolinguistics, Phonetics and Phonology, Alagoas.

INTRODUÇÃO

O objetivo desta pesquisa é investigar o comportamento da despalatalização do segmento consonantal lateral palatal /λ/ produzido no estado de Alagoas. Para tanto, são investigados 128 áudios de fala espontânea de falantes das regiões Agreste (Arapiraca e Palmeira dos Índios), Sertão (Delmiro Gouveia e Santana do Ipanema) e Litoral (Maceió), correlacionando a despalatalização da lateral palatal /λ/ com os fatores sociais idade, sexo, escolaridade e região e fatores linguísticos como contexto anterior, contexto seguinte, tonicidade, tamanho da palavra e a classe gramatical da palavra.

A pesquisa analisa o comportamento deste fenômeno em Alagoas, sob a luz da Sociolinguística Variacionista que tem como objetivo central investigar os processos de variação e mudança linguística em uma determinada comunidade de fala por meio de uma pesquisa quantitativa, além de destacar a correlação entre variáveis linguísticas e sociais como um fator que explicará o acontecimento desses processos.

Para tanto, é utilizado como aporte teórico Labov (2008 [1972]); Weinreich; Labov e Herzog (2006) e outros, precursores e consequentes da Sociolinguística Variacionista, a qual prevê que cada elemento variacional no interior da língua sofre de uma valoração social que direciona sua realização.

Objetiva-se então, investigar o processo de variação linguística da lateral palatal em Alagoas ao observar quais as variáveis linguísticas estão condicionando a variação estudada, bem como reconhecer quais as variáveis sociais direcionam a variação da lateral palatal nas cidades alagoanas e identificar se poderá ocorrer uma futura mudança linguística através da variação estudada.

No mais, este trabalho divide-se em quatro seções. A primeira aborda a teoria na qual o trabalho está fomentado. Na segunda, a metodologia utilizada para a realização da pesquisa. Na terceira, a variável dependente e as variáveis independentes. E, na quarta e última, o tratamento/análises dos dados e resultados.

FUNDAMENTOS TEÓRICOS

A base teórica desta pesquisa é a teoria da variação e da mudança linguística, desenvolvida, principalmente, por Weinreich, Labov e Herzog (1968) e Labov (2008 [1972]), que traz a perspectiva de que a língua carrega variações que podem ser afetadas por elementos estruturais internos da própria língua ou por fatores sociais externos, a partir de valoração social e subjetiva do falante.

Segundo Labov (2008 [1972], p. 313), “a variação social e estilística pressupõe a opção de dizer ‘a mesma coisa’ de várias maneiras diferentes, isto é, as variantes são idênticas em valor de verdade ou referencial, mas se opõem em sua significação social e/ou estilística”.

Logo, ao proferir a palavra ‘mu/ʎ/er’ ou ‘mu/l/é’, o indivíduo está falando a mesma coisa, só que de duas formas diferentes. Os aspectos linguísticos condicionadores da variação podem ser de natureza fonético-fonológica (o caso desta pesquisa), morfológica, sintática ou semântica. Dentre os aspectos sociais, podem ser investigadas variáveis como classe social, profissão, residência, sexo, escolaridade, faixa etária e outras.

De acordo com Weinreich, Labov e Herzog (2006), nem toda variação linguística acarreta em uma mudança linguística, mas toda mudança vem de uma variação. Isso significa que duas variantes podem continuar sendo coproduzidas até que uma das formas adquira maior aceitação social e ocorra a mudança linguística.

No presente trabalho existem duas variantes, sendo uma a variante conservadora, a lateral palatal, e a variante inovadora, a lateral alveolar. Por exemplo, quando indivíduos de uma comunidade de fala deixam de produzir a palavra “mulher” [muʎɛh] para produzi-la como “mulé” [muʎɛ].

Tarallo (1985) explica as diferenças entre as variantes falando que:

Em geral, a variante considerada padrão é, ao mesmo tempo, conservadora e aquela que goza do prestígio sociolinguístico na comunidade. As variantes inovadoras, por outro lado, são quase sempre não padrão e estigmatizadas pelos membros da comunidade. Por exemplo, no caso da marcação de plural no português do Brasil, a variante [s] é padrão, conservadora e de prestígio; a variante [Ø], por outro lado, é inovadora, estigmatizada e não padrão. (TARALLO, 1985, p. 12).

O fenômeno estudado é definido por Bergo (1986) como um “fenômeno fonético de caráter individual ou regional, que consiste em trocar-se um fonema palatal por um alveolar ou linguodental em consequência de não se apoiar devidamente a ponta da língua na abóbada palatina ao proferir aquele som”.

Foneticamente, Silva (2010, p. 32), descreve /ʎ/ como palatal, pois “o articulador ativo é a parte média da língua e o articulador passivo é a parte final do palato duro”. Quanto ao modo de articulação, o som é lateral, uma vez que durante sua produção tem-se uma parcial obstrução da corrente de ar no “trato vocal”, mas, mesmo assim, o ar é expelido pelas laterais da região bucal.

Não se sabe ao certo como esta variação surgiu, entretanto, há algumas teorias de sua gênese, como por exemplo Câmara Jr (1979), que defende a despalatalização como um fenômeno fonético influenciado pelos africanos ou indígenas que tinham dificuldade de produzir tais fonemas do português, afirmando que “é igualmente possível que [...] se explique pelo português crioulo dos escravos negros ou pelo substrato indígena...”.

Embora não haja consenso entre os estudiosos sobre a origem da despalatalização da lateral palatal, é possível que esta variação venha do latim como sugerem Scherre e Naro (2007) que percebem, por exemplo, a origem de algumas formas em português oriundas do latim como “filho”, derivada “filio”. Enfim, independentemente de sua origem, o fenômeno linguístico em discussão ocorre na comunidade de fala estudada o que justifica o desenvolvimento desta pesquisa.

METODOLOGIA

Utilizando a proposta metodológica da Sociolinguística Variacionista, apresentada principalmente em Labov (2008 [1972]), para a análise da variação e da mudança linguística, o trabalho busca a identificação de um processo variável em uma comunidade de fala, a partir da seleção de informantes, da coleta e análise de entrevistas espontâneas e a análise quantitativa da variação objetivando descobrir quais fatores, internos e externos, influenciam no processo de variação.

No corpus desta pesquisa, serão utilizadas 128 entrevistas de habitantes naturais das cidades alagoanas, sendo: 24 de Arapiraca, 24 de Palmeira dos Índios, 24 de Delmiro Gouveia, 24 de Santana do Ipanema e 32 de Maceió, com duração média de dez minutos,

que compõem o banco de dados do Projeto Portal¹ (Português Alagoano) e estão gravados, transcritos e sincronizados com o software PRAAT. Sendo os entrevistados estratificados em sexo (sexo feminino e sexo masculino), escolaridade (ensino básico e ensino superior), idade (jovens de dezoito a trinta e cinco anos, adultos de quarenta e cinco a cinquenta e cinco e idosos acima de sessenta e cinco anos) e região (agreste, sertão e litoral).

Todos os colaboradores foram voluntários e permitiram a gravação e utilização dos dados, assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido² – TCLE. Como a pesquisa é em Sociolinguística e são necessárias informações vernáculas sobre a língua, houve o cuidado em deixar o colaborador livre de tensões, para que pudesse falar espontaneamente suas opiniões ou narrativas de vida, conforme prega a metodologia sociolinguística: “um objetivo específico da metodologia variacionista é conseguir acesso ao que é referido como o ‘vernáculo³’”. (TAGLIAMONTE, 2006, p. 08)

O processo de análise foi feito e sequenciado com o auxílio de programas computacionais: Praat para a análise acústica e os softwares R e RStudio para aferir as correlações estatísticas entre as variáveis investigadas e chegar aos resultados quantitativos para serem feitas as análises posteriormente.

Em conjunto com as variáveis sociais da língua (sexo, idade, escolaridade e região), também são analisadas as variáveis linguísticas, sendo elas o contexto anterior (vogal que antecede o fonema); contexto seguinte (vogal posterior ao fonema); a tonicidade (qual a posição com relação ao acento o fonema está inserido na palavra); o tamanho da palavra (a quantidade de sílabas que compõe a palavra); e a classe gramatical que a palavra está inserida.

VARIÁVEL DEPENDENTE E VARIÁVEIS INDEPENDENTES

Nesta seção, são explicitadas as variáveis utilizadas no trabalho, a variável dependente – aquela que está representando o fenômeno da despalatalização – e as

¹ Dados disponíveis em www.portuguesalagoano.com.br

² O TCLE desta pesquisa foi aprovado pelo comitê de ética em pesquisa com o número de CAAE: 15231013.4.0000.5013

³ No original: A specific goal of variationist methodology is to gain access to what is referred to as the ‘vernacular’

variáveis independentes, composta pelas variáveis linguísticas e sociais, as quais podem condicionar a produção de uma das variantes abordadas na pesquisa.

VARIÁVEL DEPENDENTE

A variável dependente é aquela que tem duas ou mais formas de ser produzida e que tem uma valoração social que direciona sua produção. Logo,

Uma variável linguística (regra variável) comporta duas ou mais variantes. As variantes correspondem aos modos alternativos semanticamente equivalentes de dizer “a mesma coisa” (valor referencial ou representacional) em um mesmo contexto. Ou seja, uma regra variável possui duas ou mais variantes (caso não tenha, não temos uma regra variável, mas sim uma regra categórica). As variantes são as formas linguísticas alternantes que configuram um fenômeno variável. As variantes podem permanecer estáveis nos sistemas ou podem mudar quando uma das variantes desaparecer. (LIMA; FREITAG, 2010, p. 49)

Muitas vezes, as duas variantes coexistem sem que uma desapareça. Entretanto, uma delas pode desaparecer, nem sempre sendo essa a variante original, pois nem sempre a variação linguística se configura em uma mudança.

Para tanto, a variável dependente utilizada no trabalho é binária composta por duas variantes (a conservadora – lateral palatal – e a despalatalizada, inovadora). A variante escolhida para análise é a lateral palatal despalatalizada [l] também chamada de lateral alveolar, de modo que se busca descobrir as possibilidades de substituição da variante conservadora, de coexistência das duas ou de desaparecimento da variante estudada.

QUADRO 1 – VARIANTES FONÉTICAS DE / λ /

Variantes de / λ /	Símbolo	Exemplo do corpus	Informante
Lateral palatal	[λ]	[m u 'λ ε h] 'mulher'	(PV50F15)
Lateral alveolar/dental	[l]	[m u 'l ε] 'mulé'	(PE77F02)

Fonte: Autores (2020).

VARIÁVEIS INDEPENDENTES

As variáveis independentes podem ser determinadas como grupos de fatores condicionadores para uma determinada produção linguística. Estes grupos podem ser extralinguísticos ou linguísticos e, é através destes que a sociolinguística tenta buscar explicações para as escolhas linguísticas dos falantes.

Segundo Labov (1994), quando formas inovadoras aparecem com frequência da fala de informantes mais jovens e decrescem com a idade, verifica-se uma mudança em progresso. Quando ocorre o contrário, as formas inovadoras ocorrem mais nas falas de informantes mais velhos, o processo de variação está retrocedendo ou uma determinada variante está em processo de extinção. Neste trabalho, os informantes têm faixa etária de 18 a 89 anos e isso faz com que se tenha um olhar mais amplo de como está o comportamento desta variação linguística relacionada a idade dos informantes.

De igual modo, a diferença entre a fala de homens e mulheres tem sido investigada há muito tempo, desde os primeiros estudos variacionistas (FISHER, (1974); LABOV, (2008 [1972]); LABOV (1990). E é sob esta perspectiva que Labov (1990) estabelece dois princípios:

Princípio I: Para variáveis sociolinguísticas estáveis, os homens usam com maior frequência as formas não padrão do que as mulheres.⁴ (LABOV, 1990, p. 210).

Princípio Ia: Em mudança de cima, as mulheres favorecem a forma de prestígio mais do que os homens.⁵ (LABOV, 1990, p. 221).

Além disso, Paiva (2004) fala sobre “A variável gênero/sexo” que apesar de nas sociedades ocidentais esta diferença entre masculino e feminino está diminuindo, ainda se pode afirmar que algumas palavras se situam melhor na boca de homens que de mulheres e reforça que essa variável extralinguística não deve ser analisada isoladamente. Por isso, não se deve partir do princípio do estigma linguístico, mas modalizarmos a fala para os indícios.

Paiva (2004) também fala que no estudo da correlação entre sexo/gênero e mudança linguística, um aspecto a considerar é o valor social da variante inovadora. Então,

⁴Todas as traduções deste trabalho são de nossa responsabilidade: Principle I: For stable sociolinguistic variables, men use a higher frequency of non standard forms than women.

⁵ In change from above, women favor the incoming prestige form more than men.

Quando se trata de implementar na língua uma forma socialmente prestigiada [...], as mulheres tendem a assumir a liderança da mudança. Ao contrário, quando se trata de implementar uma forma socialmente desprestigiada, as mulheres assumem uma atitude conservadora e os homens tomam a liderança do processo. (PAIVA, 2004, p. 36).

Os informantes têm faixas escolares de 0 de escolaridade a 15 anos de escolaridade. No geral, as pessoas mais escolarizadas tendem a evitar as variantes estigmatizadas socialmente, diferentemente das pessoas de escolaridade mais baixa.

No que se refere à divergência entre o que prega as orientações oficiais e o que se verifica na realidade escolar [...] há implícito a necessidade social de dar apoio pedagógico-linguístico adequado para integrar as variantes dos estudantes aos padrões prestigiados socialmente mostrando que esse é necessário para ascensão social. (SCOPARO; MIQUELETTI, 2013, p.07)

A escola como uma instituição de ensino, com uma grande valoração social e que forma pessoas, tende a pregar as regras e normas estabelecidas socialmente como corretas, isto significa que os indivíduos que mais tempo passarem nela, serão mais influenciados pelas norma padrão, ensinada no ambiente escolar.

Quanto às variáveis linguísticas, foram investigadas, nesta pesquisa, o contexto anterior e seguinte à lateral palatal, a tonicidade da sílaba e o tamanho da palavra. O contexto anterior e o contexto seguinte tratam do condicionamento das possíveis vogais (a, e, i, o, u) na escolha linguística de uma das variantes, quanto a sua articulação, ou seja, a altura da língua, anterioridade e posterioridade da língua, arredondamento dos lábios, duração, vozeamento, nasalização e tensão. A tonicidade foi investigada quanto à realização átona e tônica da sílaba e sua possível interferência na realização variável. O tamanho da palavra que se refere à quantidade de sílabas que a compõe. Assim como a classe gramatical da palavra produzida que serve para saber se há uma ou mais classes que interferem de forma significativa na despalatalização da lateral palatal.

TRATAMENTO DE DADOS E RESULTADOS

A partir de uma série de análises estatísticas e realização dos testes de Razão de Máxima Verossimilhança (TRMV), teste de Wald e teste de Coeficiente de Correlação Intraclasse, foram selecionadas como estatisticamente significativas as variáveis sociais

sexo, escolaridade e região como condicionantes na produção da lateral despalatalizada e as variáveis linguísticas contexto anterior, contexto seguinte, classe gramatical e tonicidade.

A variável sexo foi a que apresentou os maiores índices de condicionamento no processo de despalatalização da lateral palatal, sugerindo, em consonância com a teoria laboviada de gênero (LABOV, 1990), que a variante despalatalizada, produzida em palavras como ‘mulé’, carregam uma marca social negativa, sendo por isso evitadas pelos informantes do sexo feminino.

TABELA 1 - VARIÁVEL SEXO NO PROCESSO DE DESPALATALIZAÇÃO.

Sexo	Total	Porcentagem	Peso Relativo	p-valor
Masculino	785	14.8%	0.61	0.275
Feminino	754	9.2%	0.38	0.265

Fonte: Autores (2020).

Na variável sexo, conforme tabela 1, as mulheres apresentam um comportamento inibidor da variante despalatalizada ao apresentarem percentual baixo de apenas 9,2% e peso relativo de apenas 0.38, enquanto os homens apresentam peso de 0.61 e percentual de 14.8% em favor da variante despalatalizada.

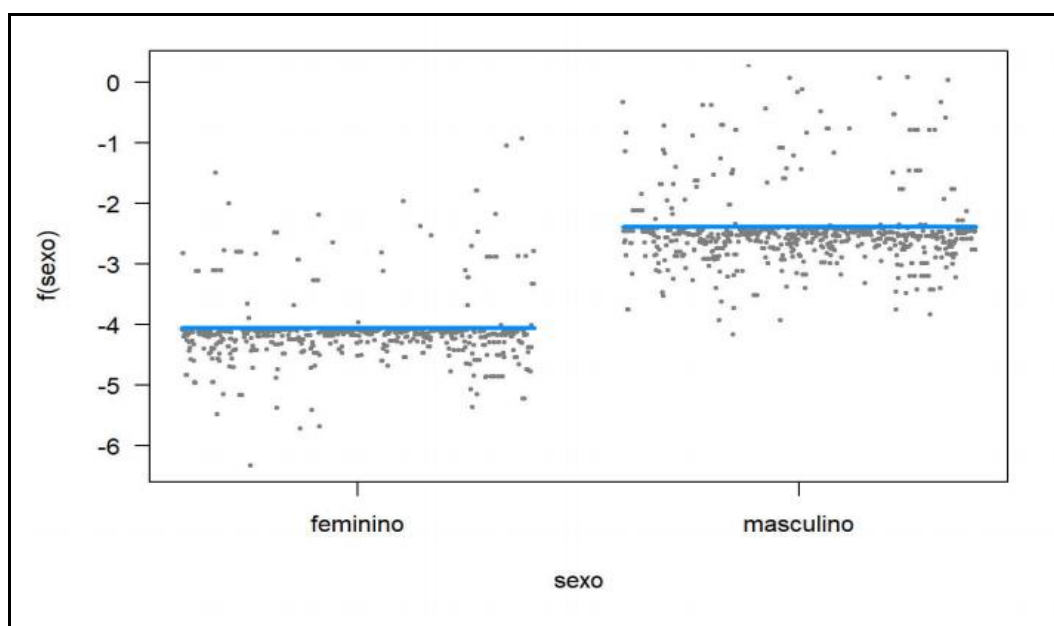


Gráfico 1 - Variável sexo no processo de despalatalização em gráfico.

Apesar da diferença entre produções da lateral e lateral alveolar tenha sido apenas de 31 entre homens e mulheres, os homens tendem muito mais à lateral alveolar e não à palatal. Isto pode ser observado também no gráfico 1, que mostra a distribuição da produção da lateral alveolar na variável sexo. Portanto, os resultados mostram que as mulheres escolhem, conscientemente ou não, com mais frequência, a variável palatal, enquanto os homens, a variante despalatalizada ou alveolar.

Na variável escolaridade, as pessoas com maior nível de escolaridade tendem a despalatalizar menos que as pessoas com o nível de escolaridade mais baixo, como pode-se ver no gráfico 2. Ao passo que o nível de escolaridade aumenta, diminui a quantidade de produções da variável despalatalizada.

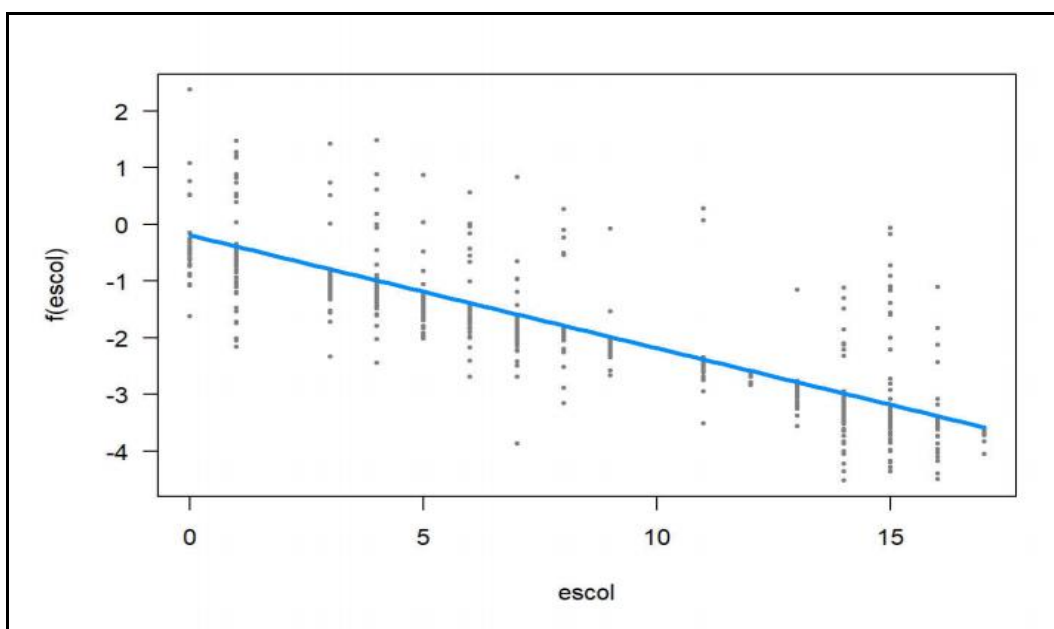


Gráfico 2 - Variável escolaridade no processo de despalatalização em gráfico.

Isso significa, observando os resultados no gráfico 2, que a gramática normativa imposta pela escola aos seus alunos, está sendo posta em prática, ou seja, aqueles que tiveram mais contato com a norma culta estão optando por usá-la em suas escolhas linguísticas, o que corrobora com os resultados encontrados por Chaves e Melo (2010) na cidade de Rio Branco, no Acre, sendo o fator social mais significativo.

Segundo Bortoni-Ricardo (2006), a escola não pode ignorar que existem as diferenças sociolinguísticas. Para a autora, os professores devem apresentar aos alunos que existem várias maneiras de se dizer a mesma coisa, sendo que cada uma é recebida de maneira diferente, algumas geram prestígio e outras uma imagem negativa do falante,

ou seja, é relacionada ao estigma social e conseqüentemente malvista dentro de determinados grupos sociais.

Então, é por este motivo que a gramática normativa apresentada aos alunos em sala de aula dá mais uma forma de como estes podem se comportar linguisticamente dentro da sociedade e de seus grupos sociais. E, com isso, o falante acaba preferindo utilizar-se das variantes de prestígio, afinal ele tem consciência de que esta é a forma que é utilizada no meio em que a escola, instituição pela qual passou, utiliza.

Na variável região, observou-se uma diferença significativa, pois as regiões extremas do estado foram as que mais interferiram no processo de despalatalização da lateral palatal, o Litoral, favorecendo-o com um peso relativo 0.65 e p-valor 0.151 e o Sertão com peso relativo 0.27 e p-valor 0.004 inibindo-o. Enquanto o Agreste, ao apresentar um p-valor 0.265, indica a possibilidade do peso relativo, que aparentemente favorece a despalatalização em 0.59, conforme verificável na tabela 2, tem uma variação em 26,4%, o que compromete a sua confiabilidade e impossibilita assegurar que a Região Agreste favoreça ou iniba o processo de despalatalização.

TABELA 2 - VARIÁVEL REGIÃO NO PROCESSO DE DESPALATALIZAÇÃO.

Região	Total	Percentagem	Peso Relativo	p-valor
Litoral	332	16.9%	0.65	0.151
Agreste	608	16.3%	0.59	0.264
Sertão	599	5.0%	0.27	0.004

Fonte: Autores (2020).

Entretanto, ao observar os dados da tabela 2 e do gráfico 3, é possível notar como há um diferente comportamento linguístico entre o Litoral e o Sertão, uma vez que Litoral favorece a realização da variante despalatalizada e o Sertão o desfavorece. Conforme se vê no gráfico 3, o Agreste tem uma alta margem de erro o que impossibilita afirmar que esta região favorece ou inibe o processo, apresentando certo estado neutro com relação ao fenômeno estudado.

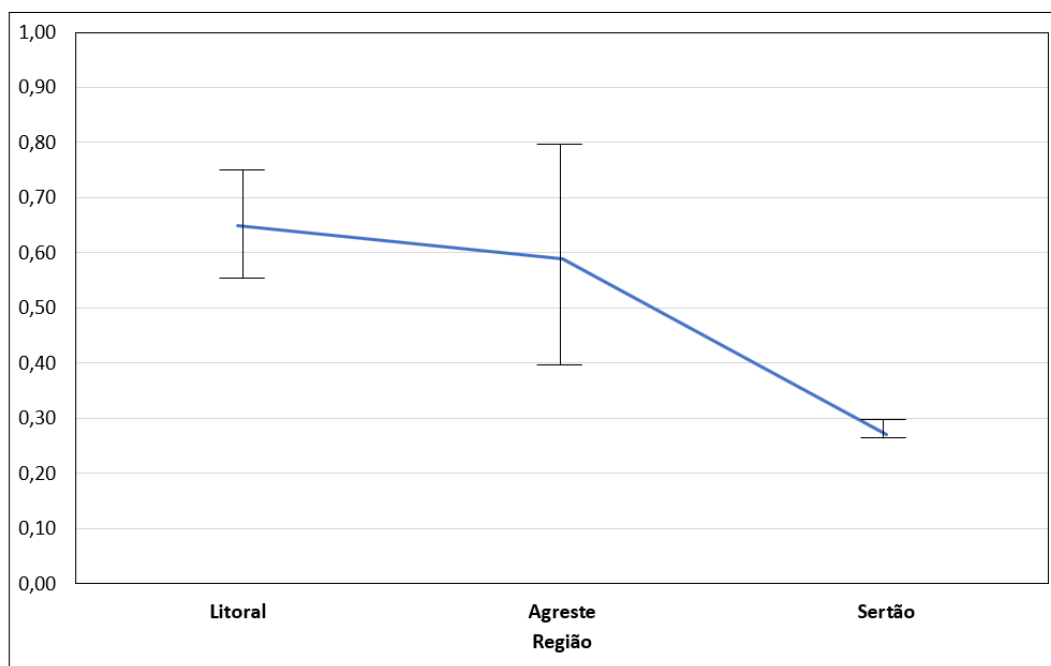


Gráfico 3 - Variável região no processo de despalatalização em gráfico.

O Gráfico 3 demonstra como está funcionando etnograficamente a realização da despalatalização da lateral palatal entre as regiões Agreste (Arapiraca e Palmeira dos Índios), Sertão (Delmiro Gouveia e Santana no Ipanema) e Litoral (Capital Maceió). E como a região Litoral influencia significativamente para a realização variante despalatalizada, Agreste está em uma posição neutra, enquanto o Sertão inibe esse processo de variação.

Pode-se, assim, inferir que o processo de despalatalização da lateral palatal /λ/ em Alagoas é sensível à distribuição geográfica, sendo mais favorecido, proporcionalmente, pela proximidade com o Litoral e, conseqüentemente, desfavorecido pela distância.

Quanto a variável linguística contexto anterior, vê-se, tanto na tabela 3, com os resultados numéricos quanto no gráfico 4, com a demonstração gráfica da produção linguística, que os segmentos vocálicos vistos como mais significativos para a realização da despalatalização da lateral palatal foram as vogais altas /u/ e /i/.

TABELA 3 – VARIÁVEL CONTEXTO ANTERIOR NO PROCESSO DE DESPALATALIZAÇÃO

Contexto Anterior	Total	Porcentagem	Peso Relativo	p-valor
U	211	39.3%	0.90	0.003
A	472	10.6%	0.60	0.369
O	208	16.3%	0.44	0.083
E	273	2.2%	0.40	0.502
I	375	3.2%	0.12	0.002

Fonte: Autores (2020).

Devido ao P-valor elevado de /a/, não é possível assegurar que o PR de 0.60 esteja favorecendo a despalatalização. Assim, os únicos fatores que verdadeiramente interferem no processo são as vogais /u/ e /i/, sendo o /u/ de forma positiva e o /i/ de forma negativa.

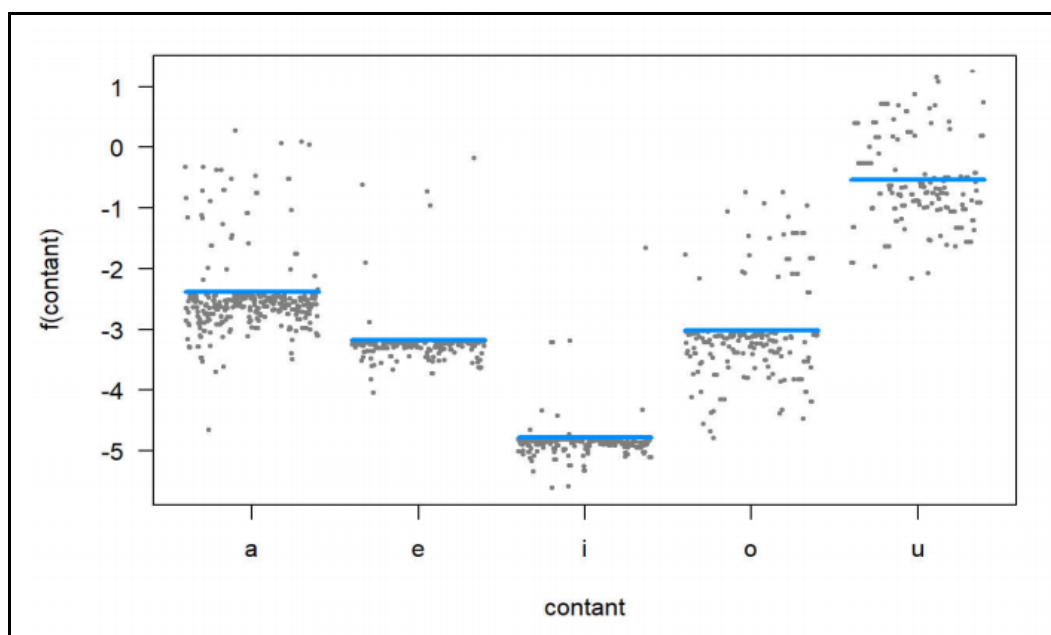


Gráfico 4 - Variável contexto anterior no processo de despalatalização em gráfico.

À vista do que foi exposto na Tabela 3, o Gráfico 4 também evoca para os mesmos resultados. De modo que as causas destes dois segmentos vocálicos terem sido selecionados pelo programa RStudio como influenciadores para o uso da lateral alveolar ao invés da lateral palatal foi a presença da vogal /u/ em contexto anterior e um possível condicionamento lexical já que, das variáveis mais agregadas, a palavra

influencia o fenômeno em 22%, o que significa dizer que este é o percentual da despalatalização que pode ser explicada por repetição do item lexical, sobretudo da palavra ‘mulher’, que apresentou a maior ocorrência linguística nos dados, sendo 188 realizações de um total de 1538.

No contexto seguinte há um favorecimento no traço coronal – aqueles produzidos a partir da coroa da língua – como o [ĩ], que teve como peso relativo 0.92, conforme é verificável na tabela 4. Isso acontece porque o “lh” é um dos sons intermediários entre as vogais e consoantes e apresenta a máxima abertura dentre os demais sons consonantais (os que apresentam obstrução à passagem da corrente de ar, no canal bucal), porém não chegam à abertura vocálica (passagem de ar livre).

TABELA 4 – VARIÁVEL CONTEXTO SEGUINTE NO PROCESSO DE DESPALATALIZAÇÃO

Contexto Seguinte	Total	Porcentagem	Peso Relativo	p-valor
I	98	49.0%	0.92	0.000
E	264	29.2%	0.63	0.126
A	539	6.7%	0.42	0.452
U	415	5.5%	0.27	0.086
O	223	0.4%	0.10	0.032

Fonte: Autores (2020).

O segmento vocálico [e] também apresenta um peso relativo elevado, 0.63, mas não é possível assegurar que ele esteja favorecendo o processo de variação da despalatalização, uma vez que o p-valor também é alto, 0.126, o que representa uma possibilidade de variação na casa dos 12% em relação ao peso relativo, não permitindo garantir que de fato este fator linguístico favoreça a realização da variante despalatalizada.

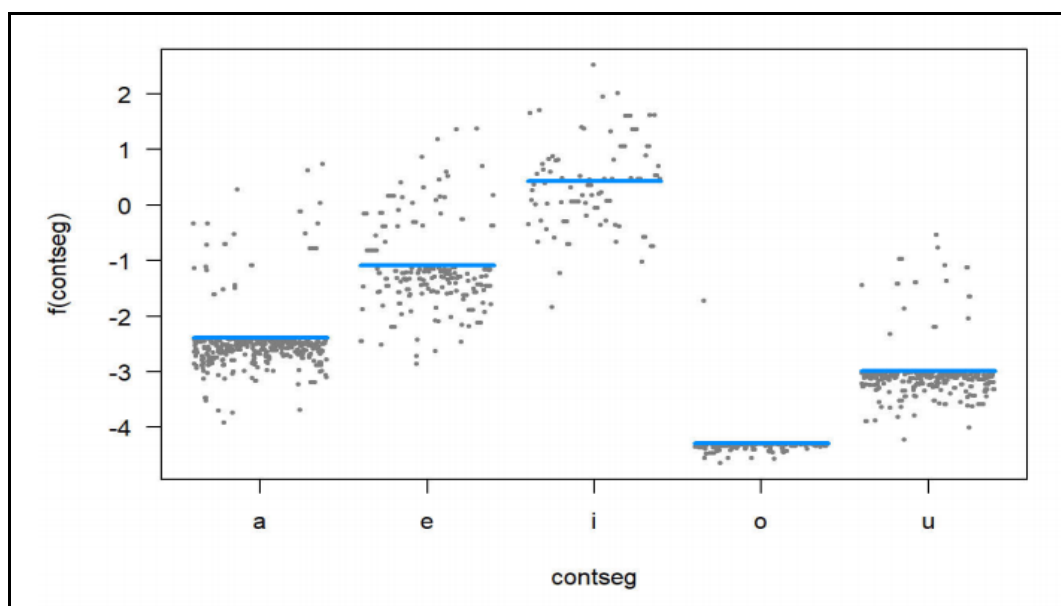


Gráfico 5 - Variável contexto seguinte no processo de despalatalização em gráfico.

Seguindo os mesmos resultados aparentes na Tabela 4, o Gráfico 5 mostra de uma outra forma como a variável contexto seguinte influencia na realização da despalatalização da lateral palatal.

Na variável tonicidade, pode-se observar que a sílaba átona interfere no processo de despalatalização, favorecendo a ocorrência da variante não palatal, ao passo que as sílabas tônicas condicionam o processo e favorecem a realização da variante despalatalizada, conforme pode ser notado tanto na tabela 5, onde o peso relativo para sílabas átonas é de 0.72 e de 0.29 para as sílabas tônicas.

TABELA 5 - VARIÁVEL TONICIDADE NO PROCESSO DE DESPALATALIZAÇÃO.

Tonicidade	Total	Percentagem	Peso Relativo	p-valor
Átono	798	8.6%	0.72	0.004
Tônico	741	15.7%	0.29	0.004

Fonte: Autores (2020).

Do mesmo modo, o Gráfico 6 demonstra que a despalatalização da lateral palatal é mais favorecida quando a sílaba em que ela está situada em uma sílaba átona do que quando ela está localizada em uma sílaba tônica.

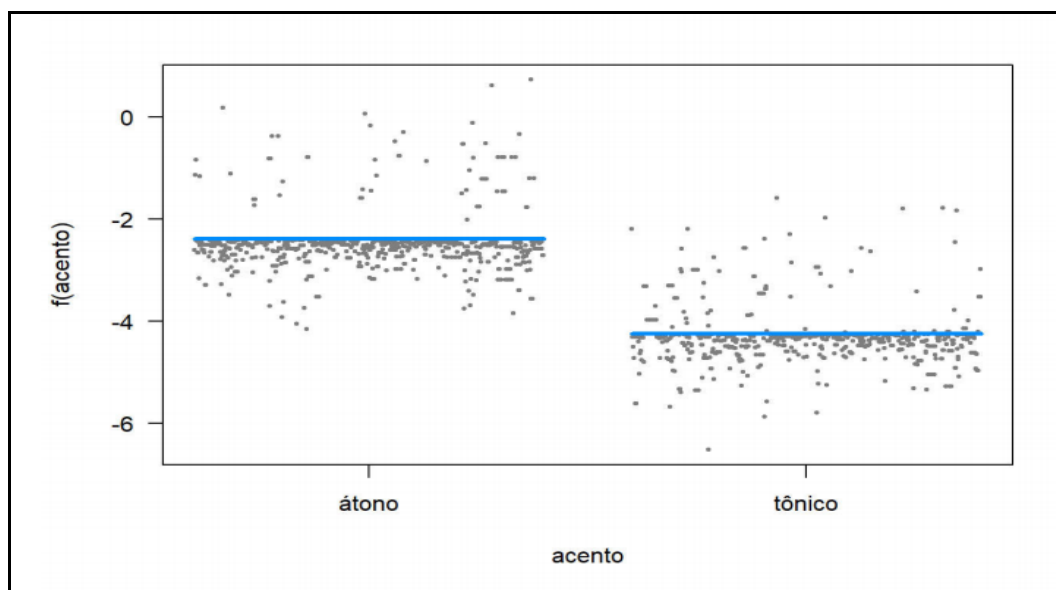


Gráfico 6 - Variável tonicidade no processo de despatalização em gráfico.

Após a variável classe gramatical representada pelo clítico, verbo, substantivo e adjetivo ser analisada pelo programa, os resultados obtidos mostram que o clítico foi o único fator favorecedor do processo de despatalização, tendo como peso relativo máximo de 1.0 e 95,8% de ocorrência. Mesmo sendo a classe gramatical menos produzida, pelo fato de quase todas as suas realizações terem sido com a produção da despatalização da lateral palatal, ele foi a classe categoricamente influenciadora do fenômeno, conforme pode ser verificado na tabela 5:

TABELA 6 - VARIÁVEL CLASSE GRAMATICAL NO PROCESSO DE DESPALATALIZAÇÃO.

Classe Gramatical	Total	Percentagem	Peso Relativo	p-valor
Clítico	24	95.8%	1.00	0.000
Verbo	545	9.7%	0.19	0.038
Substantivo	824	13.1%	0.17	0.014
Adjetivo	146	0.7%	0.07	0.007

Fonte: Autores (2020).

Pode-se identificar, a partir da tabela 6 e do gráfico 6, que a única classe gramatical que é vista como significativa para a despatalização é o pronome clítico 'lhe' e como ele se destaca extremamente em relação às outras classes gramaticais. Embora, a produção de clíticos na amostra seja pequena, com apenas 24 realizações, quase 90%

dessas ocorrências apresenta a variante despalatalizada sendo produzida como 'li' e favorecendo categoricamente o processo de variação.

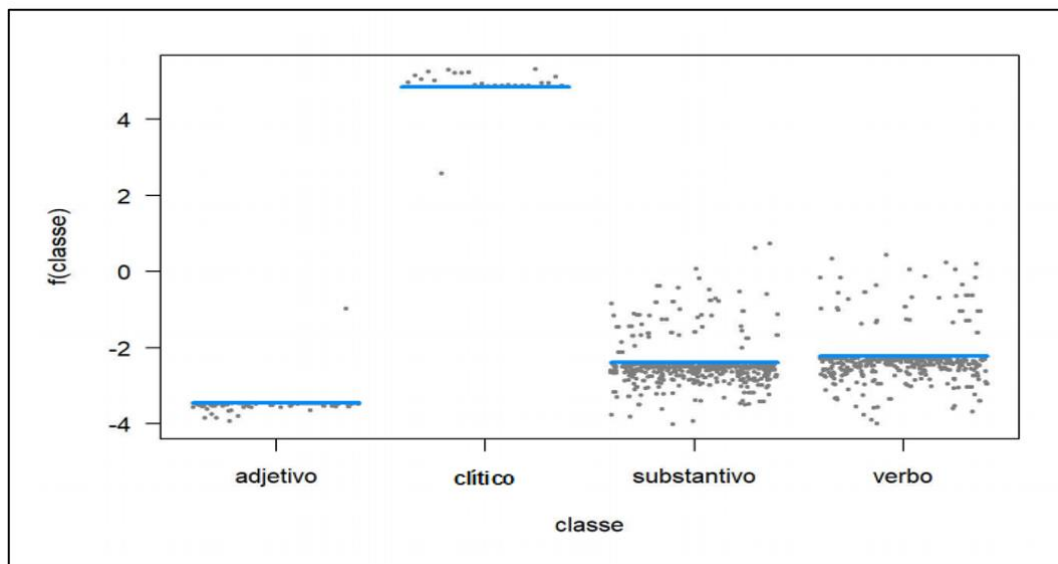


Gráfico 7 - Variável classe gramatical no processo de despalatalização em gráfico.

As variáveis idade e sílaba não foram vistas como condicionantes para a produção da variante despalatalizada e foram descartadas pelo programa RStudio e, por isso, não estão presentes nos resultados.

Em análise das variáveis de nível mais agregado, informante e palavra – a partir do Coeficiente de Correlação Intraclasse (CCI) – a variável informante apresenta um percentual de 46% de condicionamento, o que indica que uma parte considerável dos fatores comportamentais do falante estão interferindo no processo de variação e não foram investigadas dentre as variáveis sociais idade, sexo e escolaridade. De igual modo, houve um condicionamento lexical das variantes em 22%, indicando que a recorrência do repertório vocabular traz estruturas específicas e tem comportamento linguístico indistinto.

CONCLUSÃO

Na presente pesquisa, analisou-se a despalatalização do segmento consonantal lateral palatal no estado de Alagoas especificamente nas regiões Litoral, Agreste e

Sertão que foram representadas pelas cidades de Maceió, Arapiraca, Palmeira dos Índios, Santana do Ipanema e Delmiro Gouveia, buscando identificar quais variáveis linguísticas e sociais favorecem a variação em questão.

Conclui-se, então, que a despalatalização da lateral palatal é mais favorecida por pessoas do sexo masculino e por quem têm um nível de escolaridade mais baixa. Então, pela ocorrência destes dois fatores estarem influenciando a produção do fenômeno estudado e, ao mesmo tempo, percebe-se uma valoração negativa desta variante, que pode provocar uma mudança linguística futura.

Observou-se que etnograficamente há uma diferença no comportamento linguístico das regiões escolhidas para análise, de modo que as regiões Litoral, Agreste e Sertão têm comportamento linguístico bem distinto, sendo o processo de variação da lateral palatal favorecida pela proximidade com o Litoral e desfavorecida pela distância, ao ser inibida pelos falantes do Sertão.

Com relação às variáveis linguísticas, apenas a variável sílaba foi descartada pelo programa, ou seja, a classe gramatical, a tonicidade, o contexto anterior e o contexto seguinte foram significativas para a variação da lateral palatal.

Quanto à classe gramatical, o fator que mais favorece a despalatalização é o pronome clítico 'lhe', apresentando condicionamento categórico 1.0 de peso relativo; na variável tonicidade, é a sílaba átona que favorece o processo; no contexto anterior, o fator que condiciona favoravelmente o processo é a vogal /u/; e no contexto seguinte, a vogal /i/.

Além disso, observou-se que o informante, como variável de nível mais agregado, interfere na variação em cerca de 46%, indicando que parte significativa do comportamento social que condiciona o processo de variação escapa das variáveis externas investigadas sexo, idade e escolaridade, havendo, possivelmente, outros fatores do comportamento do falante que interfiram no processo e que podem ser estudadas futuramente.

De igual modo, a recorrência do item lexical é responsável por 22% da variação, indicando que parte desse processo não é adequadamente explicado exclusivamente a partir de condicionamentos fonético-fonológicos.

Espera-se que este artigo seja de benefício para este tipo e demais pesquisas na área da Sociolinguística Variacionista e que futuramente seja a ainda mais aprimorada para melhor explicação dos dados e análises.

REFERÊNCIAS

1. BERGO, V. **Pequeno dicionário brasileiro de gramática portuguesa**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986.
2. BORTONI-RICARDO, S. M. Nós chegamos na escola, e agora? **Sociolinguística e educação**. 2.ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
3. CHAVEZ, L. M. N.; MELO, F. E. S. A fala da zona urbana de Rio Branco (AC): fatores extralinguísticos no processo de despalatalização de /λ/. In: **Revista Philologus**, Ano 17, Nº 46, Rio de Janeiro: CiFEFiL, jan./abr.2010.
4. FISHER, J. L. Influências sociais na escolha de variantes linguísticas. Trad. Elba I. Souto. In: FONSECA, M. S.; NEVES, M. F. (Org.). **Sociolinguística**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974. p. 87-98.
5. LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, [1972] 2008.
6. LABOV, W. The intersection of sex and social class in the course of linguist change. **Language variation and change**, n.2, 1990.
7. LIMA, G. O. S.; FREITAG, R. **Sociolinguística**. Universidade Federal de Sergipe (CESAD) - São Cristóvão, 2010.
8. NARO, A; SCHERRE, M. **Origens do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2007.
9. PAIVA, A. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, M, C.; BRAGA, M. L. (orgs.) **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto. 2004.
10. SCOPARO, T. R. M. T.; MIQUELETTI, E. A semiótica na publicidade: produção de sentido. In: **XIII CONGRESSO DE EDUCAÇÃO NO NORTE PIONEIRO**, 2013, Anais... Jacarezinho: UENP: p. 58 - 72.
11. SILVA, T. C. **Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2010.
12. TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1985.
13. WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança**. Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.